

# Chegou o momento de construir\*

## — Ensaio geral para discursos políticos

\*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

### Geração Europa

Filipa Semedo

**Os jovens não desistiram da política. Os jovens desistiram de Portugal. E se o fizeram foi como resposta a um país que desistiu deles; um país que ergueu obstáculos e barreiras que tornam o início de carreira, o início de uma vida independente, impraticável.**

A reação a estas dificuldades está a ser uma nova vaga de emigração, com valores anuais que já atingiram e superam os da década de 60, em plena guerra colonial. Valores estes que colocam Portugal com o primeiro país da União Europeia e o décimo segundo no mundo com maior número de emigrantes, estimando-se que haja atualmente cerca de cinco milhões de pessoas de origem portuguesa a residir no estrangeiro.

Esta vaga distingue-se da dos anos 60. Em primeiro lugar, porque esta ideia de emigrar como solução é algo que a nossa geração tem presente desde muito cedo. Em segundo lugar, porque tem a agravante de incluir uma “fuga de cérebros”, ou seja, a emigração de jovens qualificados. Por fim, porque coincide com a atual baixa natalidade de Portugal. O envelhecimento do país é um problema real, que tem tendência a agravar-se com a emigração jovem. Atualmente o índice de envelhecimento em Portugal é de 138, o que significa que para cada 100 jovens, ou seja, indivíduos com menos de 15 anos, existem 138 idosos, sendo considerados como tal indivíduos com mais de 65 anos. Na última vaga de emigração, nos anos 60, o índice de envelhecimento era de 30.

Em 2014, dos cerca de cinquenta mil emigrantes permanentes que partiram de Portugal, 34% eram jovens entre os 20 e os 30 anos. Destes, 18% tinham entre 20 e 25 anos. Recorrer à emigração tão cedo evidencia uma falta de esperança num início de carreira em Portugal.

Perante esta situação seria de esperar que o governo tomasse medidas para evitar o contínuo fluxo de jovens para o estrangeiro e que tomasse como prioridade o regresso daqueles que tiveram de abandonar o país. No entanto, vemos um aumento contínuo da idade da reforma, uma medida que a longo prazo promete comprometer a segurança social do país e que não gera vagas profissionais para a próxima geração, prolongando a situação presente de emigração e agravando o envelhecimento alarmante de Portugal.

Falando agora sobre a relação dos emigrantes com a política de Portugal,

é importante referir que estes continuam a ser eleitores e a ter direito ao voto. Tomando o exemplo das legislativas, sabemos que em 1975 houve uma adesão de 63%, um caso obviamente excepcional. Já em 2005, a adesão foi de 25%, tendo caído para 12% nas eleições de 2015. Julgo que há dois motivos fundamentais para que esta queda na adesão tenha ocorrido. O prolongamento da crise económica, que está na origem da emigração destas pessoas, juntamente com a sensação de que não há qualquer diferença significativa no estado do país independentemente do governo em vigor, terão levado a uma atitude geral de descrença e a uma quebra gradual de laços e de interesse em Portugal.

O segundo motivo relaciona-se com uma falsa democracia a que estes eleitores têm direito. De facto o seu direito ao voto mantém-se, mas de uma forma impraticável. Os postos consulares, onde podem votar, são cada vez em menor número. Tome-se o exemplo de França, um dos principais destinos de emigração portuguesa, em que só é possível votar em Paris. Para os residentes das restantes cidades, tornou-se agora necessária uma viagem até à capital que, para além de demorar algumas horas, exige um dia a menos de trabalho e gastos que podem superar os 100€ — sacrifício demasiado elevado para exigir a alguém face a um país no qual não tem lugar. Não me surpreende portanto que a consequência seja um distanciamento cada vez maior destas pessoas perante Portugal.

**Quanto a mim, continuo a votar, mas desisti da política e desisti de Portugal. Gostava de poder transmitir uma mensagem mais positiva, um apelo à mudança, mas sinto que ao tomar essa posição seria hipócrita. Sei que caso me depare com a escolha de emigrar por uma situação profissional e económica mais segura e confortável ou ficar em Portugal na esperança de transformar a situação atual do país, a minha escolha será, sem qualquer dúvida a primeira. Não há patriotismo nem sentido de responsabilidade que me faça lutar por um país que não parece lutar por mim, pela minha geração.**